

RINOCERONTES DO MUSEU AGRÍCOLA DO ULTRAMAR

Luís Jorge Gonçalves

Por ocasião dos 500 anos da xilogravura do rinoceronte de Albrecht Dürer, em 1515, elaborada a partir dum rinoceronte oferecido ao papa Leão X pelo rei de Portugal, D. Manuel I, refere-se o conjunto de rinocerontes existentes no Jardim Botânico Tropical, em Lisboa.

1. Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial

O Jardim Botânico Tropical tem na sua colecção do museu, situado no Palácio da Calheta, dois rinocerontes pretos texidermizados, um adulto e uma cria. Como chegaram a este museu estes dois espécimes?

Antes de mais convém analisar a origem da instituição que os acolhe. O Jardim Agrícola do Ultramar criado em 1906 pelo decreto régio de D. Carlos, da autoria do ministro Manoel António Moreira Junior, ministro dos negócios da marinha e do ultramar, tendo como fundamento o ensino agronómico colonial (Cardoso 2012: 34-35). Tendo em conta a sua função social e estratégica, para o país, a designação estabelecida foi de Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial, ou seja, dois espaços legalmente instituídos.

Estas instituições, apesar de separadas mantiveram uma colaboração permanente, sendo dirigidas por catedráticos do Instituto Superior de

Agronomia e Veterinária, em cuja tutela permaneceu até 1915. O problema central era, no entanto, o espaço. Após várias hipóteses para instalar Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial, nomeadamente nas Laranjeiras, junto do Jardim Zoológico, optou-se em junho de 1912, pelo parque do Palácio de Belém, uma área nobre perto do Mosteiro dos Jerónimos, do Museu do Coches e do Palácio de Belém.

O novo espaço incluía Quinta da Calheta, e correspondente palácio, antiga propriedade do Conde de Calheta, adquirida em 1726 por D. João V. Tratava-se de um espaço que permitia a instalação do Jardim Colonial, na área da cerca do Palácio de Belém e o Museu Agrícola Colonial no Palácio da Calheta (Cardoso 2012: 38-39), criando um espaço unificado e uma orgânica que respondia aos objectivos pedagógicos destes organismos. As duas instituições passaram a surgir associadas, desenvolvendo o seu trabalho em paralelo, garantidas pelo Instituto Superior de Agronomia, criando-se em 1924 o Grupo de Amigos do Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial de Lisboa e um quadro de pessoal conjunto. Este novo espaço possibilitou ainda uma maior abertura à sociedade, com visitas frequentes, como área de lazer, dado que o parque era um espaço com excelentes condições de acolhimento.

Intensificaram-se também as relações com as colónias, com as visitas de membros do governo e da administração colonial o que possibilitou a entrada nos acervos do museu e do jardim de inúmeros espécimes, relacionados com as colónias.

2. Em representação das colónias portuguesa

O Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial foi também a instituição encarregada de representar Portugal em numerosas exposições internacionais. Em 1929 participou na Exposição de Sevilha, onde expôs espólio do acervo na Sala das Colónias do Pavilhão de Portugal, correspondendo a produtos do artesanato africano, produtos agrícolas, espécimes da flora exótica e animais taxidermizados, onde se incluíam crocodilos e dois rinocerontes pretos, um adulto e uma cria. Esta exposição contou com um apoio muito forte das instituições coloniais, nomeadamente da Agência Geral do Ultramar. Seguiram-se outras exposições em Antuérpia (1930), Paris (1931) e no, em 1934, na Exposição Colonial Portuguesa.

No entanto, o grande momento do Jardim Colonial e Museu Agrícola Colonial foi a Exposição do Mundo Português de 1940 (Cardoso 2012: 46-54), dado que se encontrava na área da mesma, em Belém. O Jardim Colonial e o Museu Agrícola Colonial receberam a Secção Colonial, sendo que no Palácio

da Calheta estiveram patentes o artesanato colonial, amostras de produtos coloniais e espécimes embalsamados, como foi o caso dos dois rinocerontes pretos.

Em 1944 o Jardim Colonial e o Museu Agrícola Colonial foram fundidos numa só instituição, com a designação de Jardim e Museu Agrícola Colonial, passando a sua dependência do Instituto Superior de Agronomia para o Ministério das Colónias. Esta medida a longo prazo foi negativa, porque retirou o Jardim e Museu Agrícola Colonial da alçada

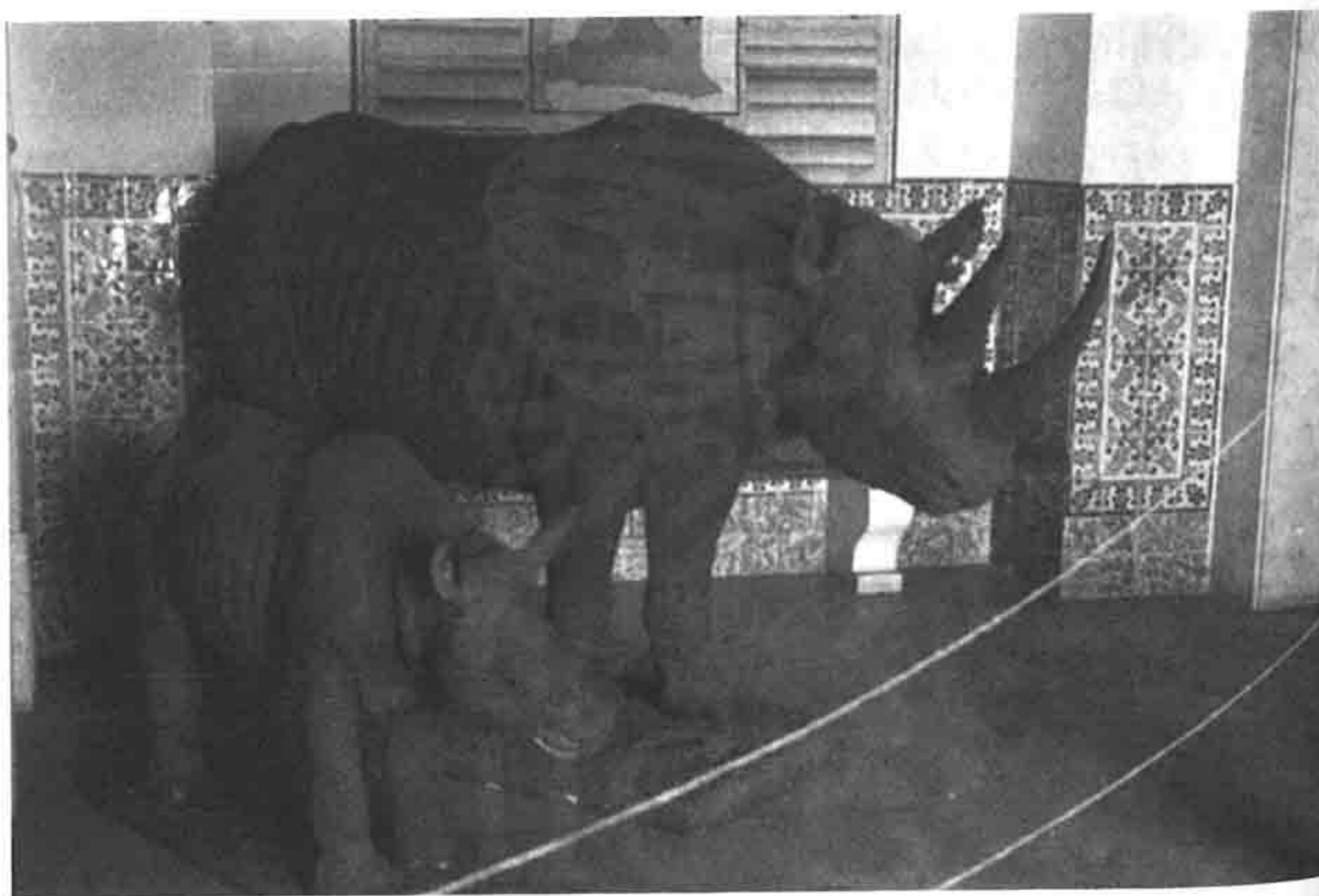


Fig.1 – Foto dos rinocerontes pretos (1957) (Arquivo Científico Tropical Digital, n.º 25912, JMAU/NA0129)

do ensino, mas levou a um grande investimento que beneficiou a instituição. Em 1951 houve uma transformação da designação para Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, em consequência, da alteração da designação do ministério para Ministério do Ultramar.

A partir do 25 de Abril de 1974, com o desaparecimento do império colonial e do desmembramento



Fig.2 – Foto de escultura de rinoceronte, de Elmano Cunha e Costa (1938?) (Arquivo Científico Tropical Digital, n.º 7661, ECC/NC0219)



Fig.3 – Foto de escultura de rinoceronte, de Elmano Cunha e Costa (1938?) (Arquivo Científico Tropical Digital, n.º 7737, ECC/NC0295)

do Ministério do Ultramar, a tutela institucional também foi alterada, passando para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em 1979 passou para o Instituto de Investigação Científica Tropical alterando a designação para Jardim-Museu Agrícola Tropical. Finalmente em 2006 recebeu a última designação de Jardim Botânico Tropical, tendo desaparecido o termo museu, mas que continuou com o seu acervo no Palácio da Calheta.

3. Os Rinocerontes

Os rinocerontes pretos que se encontram no Palácio da Calheta, como se referiu anteriormente, incorporaram a colecção do Museu Agrícola Colonial em 1929, por doação da Agência Geral do Ultramar. Trata-se de um adulto e de uma cria, texidermizados. Após a exposição remeteram-se para o Palácio da Calheta onde ficaram até aos nossos dias, incorporados na colecção zoológica, sendo um dos dois exemplares dos dois mil espécimes de mamíferos.

Foram publicados no “Guia do Museu Agrícola do Ultramar”, em 1961, descritos como mãe e filho. Em 1957 foram fotografados para o inventário. Na Actualidade a cria de rinoceronte encontra-se em fase de restauro.

Na mesma colecção existem outros rinocerontes em madeira, provenientes do artesanato africano. O primeiro rinoceronte é referido como sendo de Arte Indígena de Luanda, tendo estado na Exposição-Feira de Angola, em 1938 (ACTD). Posteriormente ingressou na colecção do Museu Agrícola Colonial, fazendo parte da secção de artesanato colonial.

O segundo rinoceronte é referido como sendo da arte Indígena de Malange, tendo também estado exposto na secção de arte na Exposição-Feira de Angola, em 1938 (ACTD). Foi também incorporado na secção de artesanato colonial do Museu Agrícola Colonial.

O conjunto de rinoceronte apresentado e que pertence à colecção do Jardim Botânico Tropical são o resultado de uma política colonial de trazer para a metrópole símbolos dos territórios coloniais, quer como fruto de investigação, quer como objectos naturais/etnográficos. No caso dos dois rinocerontes pretos texidermizados serviram mesmo, numa fase inicial, para estarem expostos nos olhares da Europa, na Exposição de Sevilha. Depois fizeram parte de um espólio que procurava reflectir um conhecimento da fauna colonial. No caso dos dois rinocerontes em madeira, resultam do artesanato africano e símbolos de uma cultura que se queria integrada na cultura portuguesa.

REFERÊNCIAS

- Arquivo Científico Tropical Digital Tropical (ACTD)
<http://actd.iict.pt/> (consulta a 2/7/2014)
- Cardoso, Cláudia Cristina (2012). *O Jardim Botânico Tropical/IICT e seus espaços construídos: uma proposta de reprogramação funcional e museológica integrada*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia (texto policopiado). Lisboa.

- Guia do museu agrícola do ultramar. Lisboa:
Ministério do Ultramar. – Lisboa